

DESENHOS INFANTO-JUVENIS SOBRE SÃO JOÃO MARIA: AS ÁGUAS CURADORAS ENQUANTO MEMÓRIAS VIVAS ¹

André Vinicio Bialeski Vieira ², Rogério Rosa Rodrigues ³

¹ Vinculado ao projeto “A Guerra do Contestado no ensino de História no Brasil: memória, história e conflitos”.

² Acadêmico (a) do Curso de Licenciatura em História – FAED/UDESC – Bolsista PROBIC/UDESC

³ Orientador, Departamento de História/ FAED, E-mail: rogerio.rodrigues@udesc.br.

Na metade do século XIX, um andarilho de origem italiana conhecido como João Maria de Agostini vagou pelo planalto sul do Brasil. Ficaria famoso por sua crença católica, por levantar cruzeiros em alguns lugares em que parava, pela sua fé em Santo Antônio e por afirmar que águas produzidas em uma fonte na região de Santa Maria no Rio Grande do Sul teriam poderes curativos. Esse último caso, acabou levando que diversos sujeitos se deslocassem para a região com o intuito de buscar socorro em relação às enfermidades sofridas. O governo da província, temendo o que eles consideravam ser uma reunião de fanáticos, acabou expulsando o João Maria de Agostini da região. Em seu deslocamento, João Maria atravessou o planalto catarinense e acabou se fixando brevemente no litoral de Santa Catarina. Segundo Karsburg (2014), para tentar acabar com a mística em torno das águas curadoras, o governo ainda contratou um médico para que esse buscasse estudar as fontes e definir se elas realmente tinham propriedades medicinais. O relatório acabou por negar as capacidades curativas das águas, contudo, o prestígio de João Maria não foi em nenhum momento afetado. Iniciou-se, nesse contexto, a tradição do “Monge João Maria”, marcada pela relação cultural dos caboclos independente do estado e da religião. Tradição que, conforme Tânia Welter (2018), ultrapassa as confissões religiosas tradicionais visto que a crença joanina está presente em pessoas que se apresentam como evangélicas, católicas e espíritas. Um segundo monge, conhecido como João Maria de Jesus, apareceu no planalto sul brasileiro durante o período da “Revolução Federalista” (1893-1895). Ficaria famoso também por suas curas que contariam com usos d’água e de ervas e também por seu discurso tecendo críticas ao sistema republicano recém-instalado no país. Além disso, ficou marcado por suas práticas de batismo e por suas previsões escatológicas. Por volta de 1912 um terceiro homem, também identificado como monge e associado aos místicos e curandeiros anteriores, transitou pelo planalto catarinense. Além do batismo, das pregações religiosas e dos remédios preparados com ervas nativas, ele também introduziu a leitura da história de Carlos Magno e conferiu as bases para a instauração da estrutura social e política da Santa Irmandade instaurada nas cidades santas do Contestado. Na crença popular esses homens formavam uma mesma família sagrada e a crença em sua santidade permanece até o presente, configurando o que Welter denomina de tradição joanina.

Durante os anos de 1912-1916 o planalto catarinense viu ocorrer a ‘Guerra do Contestado’. Esse conflito teve de um lado as forças repressoras do exército contra os moradores da região. Desde a chegada da estrada de Ferro da *Brazil Railway*, os caboclos e caboclas viviam com uma série de ataques, que levaram à perda de suas terras e ao ataque de suas imagens, sendo tratados enquanto fanáticos devido à sua fé no João Maria e em São Sebastião. Eles tinham nas lições dos monges, ideias para a constituição de um novo mundo, que acabasse por escapar do tempo que veio com a república e com a estrada de ferro. Com o fim do conflito, diversos caboclos e caboclas morreram e a memória de seus feitos foi vilipendiada pelos vencedores, relacionando suas ações e seus projetos a imagens de fanatismo e banditismo. Contudo, a figura do monge continuou sendo central

na constituição da cultura desses sujeitos, sendo encontrados seguidores dessa tradição até contemporaneamente na região do conflito.

Exemplos da manutenção da fé no monge, podem ser encontrados em desenhos infanto-juvenis produzidos por estudantes das escolas da cidade de Lebon Régis na atualidade. Eles foram resultados de um concurso organizado pela Associação Cultural Coração do Contestado no ano de 2020. A ideia era que esse concurso servisse enquanto uma atividade de substituição de eventos anuais que ocorrem em relação à Guerra do Contestado, mas que não puderam ocorrer devido à conjuntura da pandemia. Foram 281 desenhos, a maioria em formato A4, sendo alguns divulgados na página do *Facebook* da associação, que reuniu todos e guardou (RODRIGUES, 2021).

A riqueza desse material é enorme e como, proposto por Rodrigues (2021), possibilitam escapar das narrativas dominantes sobre os caboclos e caboclas do Contestado, sendo um reflexo de sensibilidade e que traz os ideais dos sujeitos que lutaram na guerra entre 1912-1916. Pautado nisso, este trabalho propõe trabalhar com três desenhos presentes no acervo da Associação Cultural Coração do Contestado cuja imagem central é o monge João Maria em um contexto fora da Guerra. Através destes desenhos, proponho refletir como a tradição sobre esse sujeito se faz presente contemporaneamente.

Tabela 1. *Informações sobre a presença do monge nos desenhos*

| Nº de desenhos | Monge sozinho | Monge + outros personagens | Sem o monge |
|----------------|---------------|----------------------------|-------------|
| 278 | 48 | 29 | 271 |

Para isso, recorrerei ao mesmo exercício empreendido por Rodrigues (2021) que se apropria das ideias de Walter Benjamin sobre o “tempo-do-agora” para refletir sobre a potência política e cultural desses desenhos. Assim, os desenhos são analisados com o intuito de escapar das narrativas predominantes e pejorativas ligadas ao ideal de progresso, com isso escapando a ideias de sucessões e “congelando-as” no tempo. Desse modo, torna-se possível analisar essas imagens por meio de surgimento de passado no presente, mostrando que os ideais não estão presos em um momento distante, mas vivos no aqui e agora.

Ao final, defendo que parte central das memórias em torno de São João Maria e que se fazem presente nos desenhos infantis é a imagem dele enquanto um grande curador. Exemplo disso, é a presença de imagens que se referem à água nos desenhos selecionados, remetendo às fontes de água que eram utilizadas pelos monges enquanto remédios para curar os enfermos e enfermas que se deslocavam até sua pessoa em busca de ajuda.

Palavras-chave: Tradição dos monges; Guerra do Contestado; Desenhos infantis.

Referências:

- KARSBURG, Alexandre de Oliveira. A trajetória de um eremita peregrino na América Católica do século XIX. **Debates do NER** (UFRGS. Impresso), v. 1, p. 17-71, 2014.
- RODRIGUES, Rogério Rosa. Tempo-do-agora (Jetztzeit), História do Tempo Presente e Guerra do Contestado. **Tempo e Argumento**, v. 1, p. 1-39, 2021.
- WELTER, Tânia. **Encantado no meio do povo**: a presença do Profeta São João Maria em Santa Catarina. 1. ed. São Bonifácio: Edições do Instituto Egon Schaden, 2018. v. 1. 344p.